

A importância dos dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu no sucesso escolar em Angola

The importance of bilingual dictionaries of Angolan languages of Bantu origin for school success in Angola

Toivo Evaristo Haipinge¹, Raquel Fonseca Amaro¹

¹Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa

Abstract

This paper discusses the importance of bilingual dictionaries of Angolan Bantu languages, focusing on their relevance for improving the quality of education and promoting students' linguistic and communicative skills. It primarily aims to enhance communicative and written proficiency in Portuguese—the official language—enabling students to better understand content taught exclusively in Portuguese and addressing school failure within an education system conducted in the official language. However, this system should align with Angolan Bantu languages, such as Oshikwanyama. The main objective of the study is to evaluate existing Portuguese-Oshikwanyama/Oshikwanyama-Portuguese bilingual dictionaries, understand their role in educational strategies in rural areas of Angola, and assess their potential and limitations in improving primary education quality and combating school failure in these regions.

Keywords: bilingual dictionaries, Bantu languages of Angola, pedagogic dictionaries, teaching and dictionaries, Oshikwanyama lexicography.

Resumo

Neste artigo, aborda-se a importância dos dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu, com foco para a sua relevância na melhoria da qualidade do ensino e na promoção de competências linguísticas e comunicativas dos alunos. Visa-se, sobretudo, a melhoria da proficiência comunicativa e escrita em português, língua oficial, permitindo aos alunos descodificar as matérias lecionadas unicamente em língua portuguesa e o combate ao insucesso escolar, num sistema educacional leccionado na língua oficial, mas que deve estar em harmonia com as línguas angolanas de origem bantu, como é o caso do oshikwanyama. O estudo tem como objetivo principal avaliar os dicionários bilingues português-oshikwanyama/oshikwanyama-português existentes, perceber o seu papel nas estratégias educativas do ensino nas zonas rurais de Angola e a avaliar o seu potencial e limitações para a melhoria da qualidade do ensino primário e para o combate ao insucesso escolar nas zonas rurais de Angola.

Palavras-chave: dicionários bilingues, línguas bantu de Angola, dicionários pedagógicos, ensino e dicionários, lexicografia do oshikwanyama.

1. Introdução

A lexicografia pedagógica é um campo vasto que se ocupa da elaboração, crítica e utilização de dicionários gerais, infantis, escolares, universitários e técnico-especializados para fins didáticos. Os dicionários, para além de ferramentas para a planificação e políticas de línguas, são também instrumentos que contribuem

para políticas educacionais e ensino de línguas, em todos os níveis, e é este o objetivo geral da lexicografia pedagógica enquanto ramo da lexicografia geral (Kirkness, 2004).

Com auxílio de dicionários, sobretudo em contextos multilingues, os professores e alunos preocupam-se em dar resposta aos vários problemas relacionados com o ensino da primeira (L1) e da segunda língua (L2) ou de língua estrangeira. No entanto, principalmente nos casos em que a língua do sistema educativo não é a L1 dos alunos, são também usados para dar resposta a problemas relacionados com o ensino de outras matérias e conhecimentos. E, neste contexto, é muito relevante que os dicionários bilingues sejam úteis não só para a comunicação, mas também para o acesso ao conhecimento, principalmente, no caso de disciplinas em que a língua não é o objeto de estudo.

Considerando a utilização de dicionários bilingues no ensino angolano, o presente estudo concentra-se especificamente na utilização e na importância do dicionário de línguas angolanas de origem bantu no ensino e aprendizagem do português L2 e no ensino de outras matérias lecionadas unicamente na língua portuguesa, como por exemplo em contextos em que os alunos têm o oshikwanyama como língua materna e dominante na sua comunidade. O estudo é pertinente na medida em que fornece uma visão sobre o uso atual dos dicionários bilingues de línguas bantu e portuguesa. Permite ainda identificar lacunas e novas estratégias na utilização desses instrumentos lexicográficos em sala de aula, bem como contributos para a adaptação dos dicionários bilingues com vista a melhorar o ensino em comunidades rurais multilingues de Angola.

Este artigo foca principalmente o uso dos dicionários do oshikwanyama-português/português-oshikwanyama no contexto angolano, bem como as várias estratégias de uso aplicadas em sala de aula pelos professores das escolas do ensino primário nas zonas rurais da província do Cunene. Atenta, também, na diversidade linguística angolana e no modo como o ensino em português ocorre em contexto social multilingue. Os professores de diferentes escolas das zonas rurais naquela província precisam de lidar com falta de equivalentes e de encontrar equivalentes substitutos, funcionando muitas vezes como mediadores entre a língua de ensino e a língua materna dos alunos. Os professores não falantes nativos ou não proficientes em oshikwanyama têm de recorrer ao conhecimento intuitivo dos seus alunos, ou ainda, a estratégias visuais (ex.: figuras dos manuais) e a exemplos concretos do dia a dia para conseguirem passar o conhecimento. Esta situação é agravada ainda pelo facto de os dicionários bilingues a que os professores recorrem não serem adequados. Os poucos dicionários existentes apresentam vários problemas que vão desde a falta palavras de especialidade usadas no ensino, à falta de sistematização e adequação dos conteúdos. Neste artigo, apresenta-se uma análise preliminar deste contexto, necessária à elaboração de um instrumento lexicográfico bilingue focado nas necessidades dos alunos, que considere o léxico usado no ensino primário angolano, mas que esteja também em conformidade com os princípios das funções cognitiva e comunicativa necessárias para a produção e transmissão de conhecimento em sala de aula.

2. Enquadramento

2.1. Contexto multilingue angolano

De modo geral, a África caracteriza-se por uma grande diversidade étnica, o que permitiu que houvesse, em muitos Estados africanos, uma diversidade linguística na qual as línguas de origem bantu coabitam com outras línguas europeias e asiáticas. Esta diversidade deriva de um complexo processo de colonização e de contacto com outros povos do globo.

Segundo Petter (2015, p. 60), as línguas africanas faladas em Angola fazem parte da família bantu “benué-congo”. Esta família de línguas tinha no século XX mais de 500 milhões de falantes, numa área bastante extensa que compreende aproximadamente dois terços do sul da Nigéria e da República dos Camarões, a parte Sul da República Centro-Africana e do Congo, grande parte da República Democrática do Congo, Tanzânia, Uganda, Quênia, Ilhas Comores, Moçambique, Angola, Ruanda, Burundi, Namíbia, Zâmbia, Maláui, Zimbábue,

Botsuana, Suazilândia, África do Sul, Lesoto, Guiné Equatorial e Gabão, assim como uma pequena parte da Somália (Petter, 2015, p. 60).

É no prisma do pluralismo etnolinguístico africano defendido por Petter (2015) que buscamos trazer uma breve contextualização das línguas faladas em Angola. Como sabemos, Angola é um país multiétnico e multilíngue. Há em Angola várias famílias de línguas: a europeia; a asiática; a khoisan, dividida em nkhu e khwe; e a bantu.

As três grandes zonas linguísticas angolanas – H, K e R – indicadas na classificação de Guthrie (1967) e Andrade (2007) compõem-se das seguintes línguas:

- i. zona H, a que pertencem os grupos linguísticos kikongo, kimbundu e kiyaka;
- ii. zona K, a que corresponde o grupo linguístico tchokwe-luchaze;
- iii. zona R, onde temos os grupos linguísticos umbundu, olunyaneka-nkumbi, oshierero e oshiwambo, que integra a língua oshikwanyama, em análise neste estudo, junto de outras línguas africanas de origem bantu.

Andrade (2007, p. 59) concluiu que são nove as principais línguas angolanas de origem bantu, a saber: o tchokwe (cokwe) do grupo Tucokwe, o kimbundu do grupo ambundu, o kikongo do grupo Bakongo, o nganguela do grupo vanganguela, o olunyaneka-nkumbi do grupo ovanyaneka-nkumbi, o herero do grupo ovahellelo, o oshikwanyama dos ovakwanyama, o oshindonga do grupo ovandonga e o umbundu do ovimbundu respetivamente. Estas, por conseguinte, são as mais descritas na literatura angolana, como ilustra a distribuição linguística de Angola no mapa da figura 1, que se segue:

Figura 1

Mapa Etnolinguístico de Angola.



Nota. Fonte: Fernandes e Ntongo (2002)

O oshikwanyama é uma língua falada no sudoeste de Angola, administrativamente na província do Cunene, e no norte da Namíbia. Guebe (2008), Wheeler e Pelissier (2013) e Haiping (2017) consideram que o oshikwanyama é a língua dos Ovakwanyama, povo situado nas regiões Sul, Centro e Este da província do Cunene. Esta região situa-se mais a Sul de Angola, e o grupo estende-se até à zona Norte da República da Namíbia. De acordo com os dados do *Ethnologue* (Eberhard et al., 2024), os Ovakwanyama perfazem um total de 1.481.000 habitantes nos dois países, e [kua] é o seu código linguístico internacional.

Assim como as restantes oito línguas bantu angolanas acima, o oshikwanyama também foi introduzido no sistema educativo angolano, nos meios de comunicação social, bem em alguns documentos das instituições do Estado angolano. Por exemplo, a Constituição da República de Angola, a cartinha dos 11 compromissos da criança e o hino nacional foram traduzidos nesta língua. É considerando a presença e o peso do oshikwanyama no contexto angolano que procuramos analisar os dicionários bilingues de língua oshikwanyama e portuguesa, e vice-versa, com foco na sua utilização no ensino primário das áreas rurais da província do Cunene, no contexto da diversidade linguística maior do país.

Apesar de em Angola existir uma vasta gama de línguas bantu e não bantu, a língua portuguesa ocupa o estatuto de língua oficial. Embora o português tenha surgido no contexto colonial, é hoje a língua mais falada em Angola, por “71% da população, com a maior incidência nos centros urbanos onde 85% da população é falante do português” (Instituto Nacional de Estatística, 2016, p. 50). O português tem o estatuto de língua de Angola de origem não bantu (europeia). Além dos factos acima listados, a língua portuguesa é também a língua de unidade nacional e constitui um património cultural imaterial que todos os angolanos devem preservar e promover.

2.2. Multilinguismo e o ensino no meio rural

As crianças das zonas rurais, falantes nativas de línguas angolanas de origem bantu, sobretudo as falantes de oshikwanyama, ao ingressarem no ensino primário nas suas localidades enfrentam enormes dificuldades na compreensão dos conteúdos transmitidos na língua portuguesa. Apesar de língua oficial, é na escola que estas crianças têm o primeiro e principal contacto com o português. No entanto, os conteúdos da disciplina de Português, e o ensino da língua portuguesa em Angola, são lecionados como se tratasse de ensino de L1, o que nem sempre é o caso. É com base nesta situação linguística que Severo et al. (2019) constataram que, em Angola, “o professor da escola rural se vê diante de um universo linguístico no qual os alunos se tornam estrangeiros em sua própria terra, uma vez que a língua e a cultura difundidas pela escola não os representam. O professor muitas vezes busca adotar uma pedagogia baseada na negociação entre a língua portuguesa, a língua de ensino e a língua nacional” (Severo et al., 2019, p. 300).

Por sua vez, Ndombele e Timbane (2020, p. 309) constataram que, no processo de ensino-aprendizagem do português em Angola, se observa que os alunos de todas as classes e em todas as disciplinas do ensino primário têm dificuldades na leitura, na escrita e na expressão/compreensão oral. Diante desta situação, e para amenizar as dificuldades dos alunos, os professores do ensino primário angolano das zonas rurais veem-se obrigados a recorrer a novos instrumentos didáticos não necessariamente contemplados no contexto ou currículos escolares, como por exemplo, dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu.

Esta medida, adotada pelos professores nestas zonas, visa permitir desenvolver competências comunicativas que incluem “a capacidade de os alunos adequarem os seus discursos às situações em que se encontram e ao meio de comunicação utilizado na escola” (Ndombele & Timbane, 2020, p. 309).

De igual modo, Scantamburlo (2002) constatou na Guiné-Bissau que a língua portuguesa é uma língua desconhecida pelos alunos das zonas rurais e que, por esta razão, impacta negativamente no processo de ensino e na aquisição de novos conhecimentos. Este é o dilema que também se observa em Angola, onde o estudante do meio rural é obrigado a aprender novos conhecimentos por meio de uma segunda língua que não conhece. Em Angola, a língua portuguesa em ensinada como L1 ou língua materna dos alunos, não havendo distinção entre os alunos que têm o português como L1 os que têm o português como L2 aprendida em idade

escolar. Por esta razão, os alunos das escolas das zonas rurais da província do Cunene têm maiores dificuldades em comunicar, compreender e aprender os conhecimentos lecionados.

Figura 2

Manuais de Língua Portuguesa do Ensino Primário Angolano.



Nota. Fonte: Ministério da Educação de Angola (2021f, 2021g)

Figura 3

Manuais do Ensino Primário Angolano de Outras Disciplinas.



Nota. Fonte: Ministério da Educação de Angola (2021a, 2021c, 2021h, 2021d)

As observações de Scantamburlo (2002), Severo et al. (2019) e Nombele e Timbane (2020), acima, fizeram-nos despertar o interesse pela avaliação do papel que os dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu, sobretudo os de oshikwanyama–português e português–oshikwanyama, têm tido no ensino e no

combate ao insucesso escolar, com realce para as escolas do ensino primário das áreas rurais da província angolana do Cunene.

No que respeita ao ingresso dos profissionais no ensino, em Angola não há nenhuma obrigatoriedade de que o professor da escola rural tenha a mesma língua materna que a dos alunos ou que seja proficiente na língua dominante na região em que ensina. Por esta razão, o professor pode vir de outra zona do território nacional e ser falante de outras línguas. Este facto coloca os dicionários bilingues de línguas angolanas de origem bantu em situação de instrumentos facilitadores de comunicação e transmissão de conhecimentos entre os alunos e os professores de línguas bantu diferentes ou que são nativos ou proficientes em português, língua que não é a língua materna dos alunos das escolas rurais do Cunene.

2.3. Lexicografia bilingue e pedagógica

Inicialmente, como disciplina geral, a lexicografia criou e promoveu um conjunto de métodos que visam responder às necessidades relacionadas com as funções de produção e recepção dos falantes através de dicionários, tipicamente monolíngues (Lara, 2004, p. 148; Bergenholtz & Gows, 2012).

Da lexicografia geral nasceu a lexicografia bilingue, mais destinada a dar resposta a necessidades comunicativas considerando dois sistemas linguísticos diferentes. A lexicografia bilingue possui uma longa tradição de elaboração de dicionário bilingues, e continua a desenvolver-se cada vez mais, com a descoberta de novos métodos e técnicas. O surgimento da lexicografia bilingue deveu-se a lacunas nos dicionários monolíngues, com destaque para as necessidades pedagógicas e comunicativas entre indivíduos (Holnselaar, 2003, p. 323; Carvalho, 2001).

Os dicionários bilingues podem ser classificados de acordo com várias tipologias baseadas em características composicionais do dicionário, perspectiva de apresentação, funções, usos contextuais, disponibilização de informações, público-alvo, suporte (digital ou eletrónico), número de línguas contempladas, número de verbetes, descrição e percurso (Hartmann & James, 1998, pp. 6–7; Correia, 2009, pp. 32–46; Krienger, 2011, pp. 147–148).

Os dicionários bilingues para fins pedagógicos visam preencher as lacunas que existem entre os conhecimentos dos seus leitores e o de toda uma comunidade, seja este o conhecimento relacionado com a língua ou com a ciência. O dicionário tem naturalmente uma dimensão lexical e cultural na aprendizagem de uma língua segunda ou estrangeira, mas os dicionários também se dedicam à exploração e esclarecimento dos elementos linguísticos e extralinguísticos associados ao léxico (Dubois & Dubois, 1971, p. 7).

O uso de dicionários pedagógicos e de outras obras de informação lexicográfica de referência devem ser vistos como uma fonte de enriquecimento para o aluno (Grandi & Nadin, 2020). Os dicionários são importantes porque, além de permitirem a construção do conhecimento, também são instrumentos normativos das línguas não padronizadas ou em reestruturação da norma. De acordo com Verdelho & Silvestre (2011), a finalidade dos dicionários, sobretudo bilingues, é codificar e descodificar as aprendizagens, apoiando o autodidatismo e melhorando a escrita, a leitura e a comunicação entre indivíduos nas sociedades.

Segundo Ferreira e Vieira (2013), os dicionários bilingues são importantes no ensino de línguas e de outras disciplinas, pois “quanto mais diversificado é o vocabulário de um aprendente, maior será a sua capacidade de se expressar, de compreender e de utilizar corretamente a língua” (Ferreira & Viera, 2013, p. 31).

Em suma, os dicionários bilingues têm como objetivo favorecer a compreensão dos conteúdos, a descodificação das palavras, a pronúncia, a escrita correta das palavras, a melhoria da qualidade ensino/aprendizagem da língua, e os dicionários pedagógicos podem ser essenciais no combate ao insucesso escolar (Verdelho & Silvestre, 2011; Vilela, 1979). No entanto, a lexicografia das línguas africanas depara-se com grandes desafios no ensino, como veremos adiante.

2.3.1. A lexicografia das línguas africanas

A lexicografia das línguas africanas, em que se inclui o oshikwanyama, não pode e nem deve existir isoladamente. Ela está sujeita às mesmas questões e tendências dos utilizadores dos diferentes tipos de dicionários, mudanças e desenvolvimentos, tal como ocorre com a restante lexicografia mundial.

Os primeiros dicionários das línguas africanas foram feitos por europeus sob influência da corrente lexicográfica eurocêntrica (Prinsloo & Zondi, 2020). No entanto, a lexicografia das línguas africanas tem os seus próprios desafios, principalmente, pelo facto de tratar de línguas com poucas produções científicas e recursos linguísticos e com menos prestígio/poder económico.

As línguas de países com poucos recursos económicos geralmente carecem de dicionários de alto padrão lexicográfico, resultantes de uma combinação de critérios lexicográficos, linguísticos e extralinguísticos. As línguas africanas são "línguas com número limitado de falantes, línguas faladas por comunidades subdesenvolvidas, submetidas à opressão política e sem ortografia padronizada, com falta de recursos financeiros, de *corpora* textuais e orais, falta de uma cultura de dicionário, falta de ferramentas e tecnologias de processamento de língua natural" (Prinsloo, 2017, p. 20, tradução nossa).

Assim como outras línguas bantu, o oshikwanyama também partilha estas condicionantes. Segundo o *Ethnologue* (Ehberhard et al., 2024), tem um total de 1 481,000 de falantes nos dois países, isto é, em Angola e na Namíbia. As línguas bantu da família Níger-Congo, da qual o oshikwanyama é parte, na sua maioria têm sistemas gramaticais bastante complexos, com realce para a classificação de nomes de diferentes classes com reflexo no sistema de flexão, um sistema pronominal complexo, questões de tradição de lematização e problemas com a normalização dos seus sistemas ortográficos.

A ortografia da língua Oshikwanyama passou durante séculos por várias transformações. A autora defende-se ainda que esta língua tem uma utilidade em várias áreas, na República da Namíbia e na República de Angola, como por exemplo no ensino, no comércio e na religião só para citar (Halme, 2004).

No alfabeto do Oshikwanyama não figura o grafema /R/ pelo fato de não existir esse fonema nessa língua; quanto ao /S/ foi substituído pelo dígrafo /sh/ resultante do acordo ortográfico de 2006.

Quanto à ortografia, um dos grandes problemas que oshikwanyama enfrenta enquanto língua transfronteiriça é a definição e adoção do sistema de escrita. A República da Namíbia usa o sistema de escrita disjuntiva e em Angola recorre-se à escrita conjuntiva, sobretudo quando se trata dos verbos (Shikesho, 2020, p. 1). Pode-se verificar os dois sistemas nos exemplos abaixo:

(1) *Ohatu i ku lipi* = Para onde vamos? (escrita disjuntiva, Namíbia)

(2) *Ohatui kulipi* = Para onde vamos? (escrita conjuntiva, Angola)

Esta dicotomia de sistemas escrita afetou também, em certo momento, o changana, língua moçambicana da mesma família que o oshikwanyama. Por exemplo, a escrita disjuntiva dos verbos e dos nomes é problemática para o changana porque retira as marcas gramaticais à forma verbal, tornando difícil distinguir entre verbos e nomes. Por esta razão, Ngunga & Simbine (2012, pp. 74–75) sugeriram a escrita conjuntiva para os nomes e verbos do changana e a escrita disjuntiva para outras palavras. Esta proposta também poderia aplicar-se ao oshikwanyama, considerando o facto de que, nas línguas bantu, os verbos fazem-se sempre acompanhar dos seus elementos flexionais de concordância e de sujeito gramatical.

No entanto, haver diferentes propostas de escrita para a mesma língua tem influência direta nos recursos linguísticos disponíveis, incluindo a usabilidade de ferramentas de tratamento automático e semiautomático das línguas, que são hoje de grande importância na lexicografia moderna.

De acordo com Prinsloo (2015), os dicionários de línguas bantu tendem a dar apenas informações básicas para o consulente. É notório que os dicionários de línguas africanas apresentam um número reduzido de informações para os utilizadores, estando estas lacunas de informação tipicamente relacionadas com a origem dos dicionários. Ou seja, os dicionários de oshikwanyama foram produzidos por pessoas que tinham poucos

conhecimentos sobre a língua-alvo e que, por isso, disponibilizam informações básicas e, por vezes, incongruentes ou incorretas. Estas lacunas de informação nos dicionários de oshikwanyama não são um caso isolado. Como referido acima, é um problema que afeta a lexicografia africana no geral (Prinsloo 2015, 2017; Prinsloo & Zondi, 2020).

A falta de informações de tipo morfossintático e de contexto de uso fizeram com que a importância de muitos dicionários de línguas bantu fosse desconsiderada no ensino das línguas e de outras matérias pela comunidade académica em África.

Finalmente, é ainda necessário considerar questões de carácter legal e de políticas de língua que afetam o oshikwanyama, e demais línguas angolanas de origem bantu, tais como:

- i. Reconhecimento oficial e estatuto legal
Nem todos os países reconhecem o estatuto legal do oshikwanyama e este fator limita o seu uso na administração pública, justiça, educação e média nacionais e internacionais. A ausência de reconhecimento por parte de governos pode, ainda, constituir uma violação dos direitos linguísticos de comunidades falantes, como o direito ao uso da língua materna no acesso a serviços básicos.
- ii. Educação bilingue ou multilingue
O reconhecimento legal do ensino bilingue e multilingue, a par da distinção entre falantes L1 e L2 da língua de ensino oficial, o português, é uma questão crítica. Sem políticas claras, as crianças têm dificuldades de aprendizagem.
- iii. Normalização ortográfica e padronização e adoção como língua de ciência de conhecimento
É importante que o oshikwanyama e demais línguas bantu sejam usadas pela administração pública e pela comunidade científica, em documentos, manuais, ensino. Mas para tal é preciso que a ortografia do oshikwanyama esteja normalizada e padronizada e tudo isto depende do governo ou de instituições académicas com valências em linguística vocacionadas para a criação de normas e dicionários oficiais.
- iv. Direitos linguísticos e antidiscriminação
O governo angolano precisa de promover leis contra a discriminação local das línguas bantu e equiparar essas línguas à língua portuguesa como línguas oficiais do Estado. O governo deve igualmente proteger os falantes de línguas locais contra a marginalização ou exclusão social. O respeito pelos direitos linguísticos das populações passa por permitir o uso do oshikwanyama em documentos oficiais, como certidões, contratos ou pleitos eleitorais, promover intérpretes em tribunais ou hospitais e promover condições de ensino iguais para todos.

3. Objetivos de investigação e metodologia de trabalho

Considerando o enquadramento do oshikwanyama no contexto multilingue de Angola, bem como os recursos lexicográficos disponíveis para as línguas africanas de origem bantu, as questões de base no desenvolvimento da lexicografia e na descrição destas línguas para efeitos pedagógicos e de comunicação bilingue, são várias as questões de investigação que se levantam. No presente trabalho, enquadrado num projeto maior que visa a elaboração de uma proposta de dicionário bilingue escolar português-oshikwanyama que dê conta do léxico usado no ensino primário angolano, pretende-se contribuir para responder às seguintes questões:

- i. De que forma é que os dicionários bilingues de oshikwanyama-português/português-oshikwanyama são utilizados pelos professores e alunos em sala de aula, no ensino primário nas áreas rurais da província angolana do Cunene?

- ii. Que estratégias são aplicadas pelos professores para que estes instrumentos sejam úteis ou eficazes na fluidez da comunicação entre professores e alunos na escola e comunidade?
- iii. De que modo é que os dicionários bilingues oshikwanyama-português/português-oshikwanyama têm sido úteis no combate ao insucesso escolar nas áreas rurais da província do Cunene?

A metodologia deste estudo contempla dois passos essenciais:

- i. A análise de recursos lexicográficos existentes para o par de línguas português/oshikwanyama e outros comparáveis (línguas europeias - línguas bantu). Sempre que possível, outros trabalhos semelhantes sobre dicionários bilingues de línguas bantu e portuguesa foram convocados para referência e comparação.
- ii. A análise do uso didático dos dicionários bilingues oshikwanyama-português/português-oshikwanyama em aulas gravadas em vídeo.

As aulas analisadas serviram como ensaio prático para observar a utilização destes recursos lexicográficos em sala de aula enquanto recurso didático-pedagógico usado recorrentemente pelos professores das zonas rurais no Cunene, no processo de ensino-aprendizagem do português e de outras matérias lecionadas unicamente na língua portuguesa. A análise qualitativa das interações em sala de aula, dos momentos de consulta aos dicionários e do desempenho linguístico dos alunos e dos professores revelou-se mais adequada para atingir os objetivos deste estudo do que a aplicação de instrumentos tradicionais de coleta de dados, como é o caso dos questionários. Assim, os vídeos forneceram informações ricas e contextualizadas para uma compreensão mais profunda da prática didática e do papel da utilização dos referidos dicionários no ensino.

A gravação das referidas aulas contemplou aulas de 4 professores falantes nativos de oshikwanyama, 3 professores falantes não nativos e 3 professores não falantes de oshikwanyama. As 10 escolas e os 10 professores selecionados para este estudo, foram escolhidos aleatoriamente pela Direcção Municipal da Educação de Namacunde, num total de 26 escolas com 156 professores colocados no meio rural. As gravações das referidas aulas foram disponibilizadas via WhatsApp.¹ É, ainda, importante neste estudo salientar que as gravações de aulas, a qual recaiu a nossa análise, foram consentidas pelos participantes, isto é, os professores falantes nativos de oshikwanyama, falantes não nativos e os não falantes da língua oshikwanyama. Apesar dos participantes terem aceitado que as suas aulas fossem gravadas pelos membros da Direcção Municipal da Educação de Namacunde, instituição que vela pelo controlo e pelo normal funcionamento das escolas do ensino primário naquele município da província do Cunene. O certo, é que os membros da referida Direcção que efetuaram tais gravações, decidiram não anunciar de antemão o propósito real das gravações para se evitar os vieses de comportamento por parte dos professores durante as aulas.

Espera-se que deste trabalho resulte a caracterização do panorama atual bem como a identificação de estratégias de utilização de dicionários bilingues em sala de aula, que possam contribuir para a qualidade do ensino primário em Angola, melhorando a comunicação entre professores e alunos, e a assimilação, a acomodação e a reprodução de conhecimentos por parte dos alunos destes níveis de escolaridade.

4. Análise crítica de dicionários português-oshikwanyama/oshikwanyama-português

Esta secção apresenta uma abordagem crítica aos dicionários bilingues português-oshikwanyama/oshikwanyama-português, focando principalmente o contexto histórico da sua elaboração e os procedimentos metodológicos utilizados. Apresenta-se, igualmente, uma classificação destas obras baseada nos

¹ Vídeos disponibilizados via WhatsApp pela Direcção Municipal da Educação de Namacunde, em 2024.

princípios da lexicografia africana propostos por Prinsloo e Zondi (2020) e avaliam-se as suas limitações. A secção enfatiza a falta de participação de especialistas em lexicografia e ensino, fator que compromete em muito a qualidade técnica dos dicionários. Além disso, aponta-se para as insuficiências dessas obras em atender plenamente às necessidades dos utilizadores, destacando a urgência de um dicionário moderno, equilibrado e pedagógico, voltado especialmente para as necessidades da comunidade educativa do ensino primário em Angola.

4.1. Correntes lexicográficas eurocêntrica e afrocêntrica

À semelhança de muitos dicionários de outras línguas bantu, também os dicionários da língua oshikwanyama têm origem na lexicografia eurocêntrica. Desde a sua génese, que a lexicografia do oshikwanyama produziu poucos dicionários, quer monolíngues quer bilingues. Os trabalhos lexicográficos sobre o oshikwanyama analisados permitem-nos concluir que a lexicografia do oshikwanyama se pode também dividir em duas correntes: a lexicografia colonial ou eurocêntrica e a lexicografia pós-colonial ou afrocêntrica (Prinsloo & Zondi, 2020).

A lexicografia pré-colonial ou eurocêntrica do oshikwanyama é marcada pelo aparecimento das primeiras obras lexicográficas que foram elaboradas por europeus, sobretudo pelos missionários que muito se dedicaram ao estudo e à elaboração de dicionários bilingues oshikwanyama e línguas europeias. Nesta, incluem-se os seguintes dicionários:

- o dicionário bilingue *Worterbuche der Vambo-Sprache: Osikuanjama – Deutsch de Tonjes* (1910), que é a primeira obra lexicográfica bilingue unidirecional, publicada em Berlim, da era colonial, no Sudoeste africano (atual Namíbia);
- o *Dicionário Português-Oshikwanyama - Pequeno Método de Aprender Português para o Uso dos Povos do Cuanhama* (Sul de Angola), de Leconte (1949), publicado em Angola em Sá da Bandeira: Missão da Huíla;
- o *English-Oshikwanyama Dictionary* de Tobias & Turvery (1965), dicionário unidirecional que apresenta as categorias morfológicas de palavras inglesas e os seus equivalentes em Oshikwanyama.

Os dicionários acima listados foram elaborados no contexto colonial, ou seja, no âmbito da lexicografia eurocêntrica que se destinava a facilitar a comunicação e a evangelização entre os colonizadores e os colonizados. Os autores destas obras, não sendo especialistas em lexicografia ou linguística, ainda que manifestassem um nível alto de conhecimento sobre as línguas estudadas, serviram-se dos parâmetros das línguas europeias e tomaram como exemplos dicionários e tradições lexicográficas europeus. Por esta razão, apesar de se poderem configurar fontes de conhecimento, não constituem recursos lexicográficos de qualidade ou apropriados para os nossos objetivos, razão que motiva a elaboração de uma proposta de dicionário bilingue escolar português-oshikwanyama que dê conta do léxico usado no ensino primário angolano, projeto maior em que se enquadra o estudo aqui apresentado.

A lexicografia pós-colonial ou afrocêntrica do oshikwanyama manifesta-se nos dicionários bilingues português-oshikwanyama/oshikwanyama-português elaborados por falantes nativos do oshikwanyama, dos quais se espera um conhecimento mais rigoroso dos princípios e estratégias linguísticas, quer da língua portuguesa, quer do sistema linguístico do oshikwanyama, e da adequada representação desse conhecimento. A lexicografia afrocêntrica do oshikwanyama inclui os seguintes dicionários:

- O *Dicionário de Nomes em Oshikwanyama*, de Ndanyakukwa (2016), uma obra lexicográfica bilingue antroponímica, unidirecional (Oshikwanyama-Português), publicada em Angola pela Mayamba;

- o dicionário *Onyika Yetu yOshikwanyama mOshiputo (Pequeno dicionário Oshikwanyama – Português)*, de Lidinikeni (2017).
- O *Oshikwanyama – English, English – Oshikwanyama Dictionary*, de Zimmerman, Taapopi & Hasheela (2019), publicado na República da Namíbia pela Macmillan Education é uma obra bidirecional que resultou da continuação do projeto dicionário de: *English-Oshikwanyama Dictionary* de Tobias & Turvery (1965).

No nosso prisma, estabelece-se assim uma divisão para a lexicografia do oshikwanyama, ancorada na divisão da lexicografia africana feita por Prinsloo & Zondi (2020). Dentro das divisões da lexicografia do oshikwanyama acima apresentadas, no presente trabalho, focaremos apenas os dicionários bilingues do oshikwanyama-português e português-oshikwanyama, nomeadamente:

- o “*Dicionário*” *Português-Oshikwanyama - Pequeno Método de Aprender Português para o Uso dos Povos do Cuanhama* (Sul de Angola) de Leconte (1949), publicado em Sá da Bandeira: Missão da Huíla. Este é um dicionário elaborado no contexto colonial, cujo objetivo era facilitar a comunicação entre os padres e os alunos que ingressavam nas escolas das missões católicas nas regiões da Huíla e do Cunene; e,
- o dicionário *Onyika Yetu yOshikwanyama mOshiputo* [Pequeno dicionário Oshikwanyama – Português] de Lidinikeni (2017). Este é um dicionário bilingue de língua comum, elaborado para pessoas interessadas em aprender o português e o oshikwanyama. Apresenta equivalências linguísticas entre as duas línguas e paráfrases de significados para algumas entradas. Contudo, o dicionário não dá indicação das categorias morfossintáticas das palavras.

Os dois instrumentos lexicográficos bilingues em análise são os utilizados nas escolas das áreas rurais do ensino primário na província do Cunene.

Como brevemente descrito acima, o ensino primário angolano ocorre num contexto de livre circulação nacional, em que todos os cidadãos angolanos se deslocam e fixam livremente no território nacional o que contribui, de certo modo, para ampliar o multilinguismo que se verifica nas diferentes zonas da província do Cunene. É, pois, nesta perspectiva que procuramos analisar os dicionários bilingues do oshikwanyama-português/português-oshikwanyama, da autoria de Leconte (1949) e de Lidinikeni (2017), e a adequação e eficiência da sua utilização em contexto escolar na província do Cunene.

4.2. Descrição e análise de dicionários existentes

Nesta secção, faz-se uma abordagem crítica dos dois dicionários bilingues do oshikwanyama-português/português-oshikwanyama, com foco na identificação e na sistematização das lacunas existentes para um uso eficaz destes instrumentos lexicográficos bilingues enquanto instrumentos que visam a melhoria da qualidade do ensino nas áreas rurais e, conseqüentemente, destinados ao combate do insucesso escolar naquelas áreas da província do Cunene.

Os dicionários são ferramentas linguísticas essenciais para o armazenamento e organização do léxico de uma língua natural. Eles fornecem ao consulente informações fundamentais para o seu desenvolvimento científico e comunicativo na sociedade. No entanto, a sua estrutura e função podem variar conforme o propósito e o público-alvo.

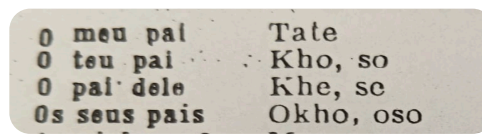
Os dicionários de português-oshikwanyama/oshikwanyama-português analisados neste estudo apresentam algumas inconsistências, especialmente no que se refere a lacunas ao nível do léxico registado, com destaque para palavras usadas no ensino primário angolano. Além disso, observa-se a falta de informações gramaticais,

como flexão verbal e nominal (género e número), bem como a ausência de exemplos de uso para os equivalentes em oshikwanyama, enquanto língua de chegada no dicionário português-oshikwanyama.

Também não há imagens a ilustrar os significados das palavras, já que não é condição obrigatória os dicionários bilingues terem o suporte de imagens que auxiliem na explicitação/explicação de palavras sem equivalente total ou parcial no oshikwanyama e no português. Ademais, as informações dos dicionários nem sempre são apresentadas da mesma forma ou pela mesma ordem, e ortografia do oshikwanyama encontra-se desatualizada em relação à ortografia oficial assinada entre Angola e a Namíbia em 2006, conforme ilustrado nas Figuras 4, 5 e 6; ao invés de propostas nossas, Tabelas 1, 2 e 3, respetivamente..

Figura 4

Falta de Informação ou de Sistematização da Informação Dada no Dicionário



O meu pai	Tate
O teu pai	Kho, so
O pai dele	Khe, se
Os seus pais	Okho, oso

Nota. Fonte: Dicionário Português-Oshikwanyama (Leconte, 1949).

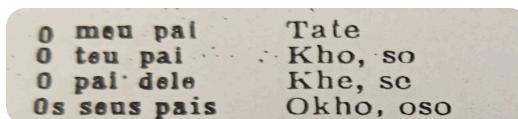
Tabela 1

Proposta Nossa

Singular	Plural
(1) o meu pai <i>tate wange</i> <i>tate</i> : 1. ^a pessoa do singular <i>wange</i> : determinante possessivo 1. ^a pessoa do singular tradução literal: pai meu = o meu pai “ <i>tate wange</i> ”	(4) o nosso pai <i>tate wetu</i> <i>tate</i> : 1. ^a pessoa do singular <i>wetu</i> : determinante possessivo da 1. ^a plural Tradução literal: pai nosso = o nosso pai “ <i>tate wetu</i> ”
(2) o teu pai <i>xoo woye</i> <i>xoo</i> : 1. ^a pessoa do singular <i>woye</i> : determinante possessivo da 2. ^a pessoa do singular tradução literal: pai teu = o teu pai “ <i>tate woye</i> ”	(5) o vosso pai <i>tate weni</i> <i>tate</i> : 1. ^a pessoa do singular <i>weni</i> : determinante possessivo da 3. ^a pessoa do plural tradução literal: pai vosso = o vosso pai “ <i>tate weni</i> ”
(3) O seu pai/o pai dele <i>tate woye/xee woye</i> <i>tate</i> : 1. ^a pessoa do singular <i>weni</i> : determinante possessivo da 2. ^a pessoa do/ <i>xee</i> : 1. ^a pessoa do singular <i>woye</i> : determinante possessivo da 2. ^a pessoa do singular tradução literal: Pai seu/pai dele = o seu pai/o pai dele “ <i>tate woye/xee woye</i> ”	(6) os seus pais/os pais deles <i>Ootate vavo/Ooxe vavo</i> <i>ootate</i> : prefixo nominal de classe + 2. ^a pessoa do plural <i>vavo</i> : determinante possessivo da 3. ^a pessoa do plural <i>Ooxe</i> : prefixo nominal de classe + 2. ^a pessoa do plural <i>vavo</i> : determinante possessivo da 3. ^a pessoa do plural tradução literal: Pais seus/pais deles = os seus pais/os pais deles “ <i>Ootate vavo/Ooxe vavo</i> ”

Figura 5

Ortografia Desatualizada



Nota. Fonte: Dicionário Português-Oshikwanyama (Leconte, 1949).

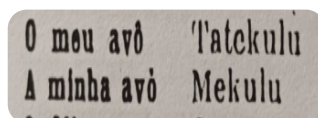
Tabela 2

Proposta Nossa

teu pai = xoo woye
o pai dele = xee waye
os seus pais = ooxe vavo

Figura 6

Equivalente ou Tradução Desviante



Nota. Fonte: Dicionário Português-Oshikwanyama (Leconte, 1949).

Tabela 3

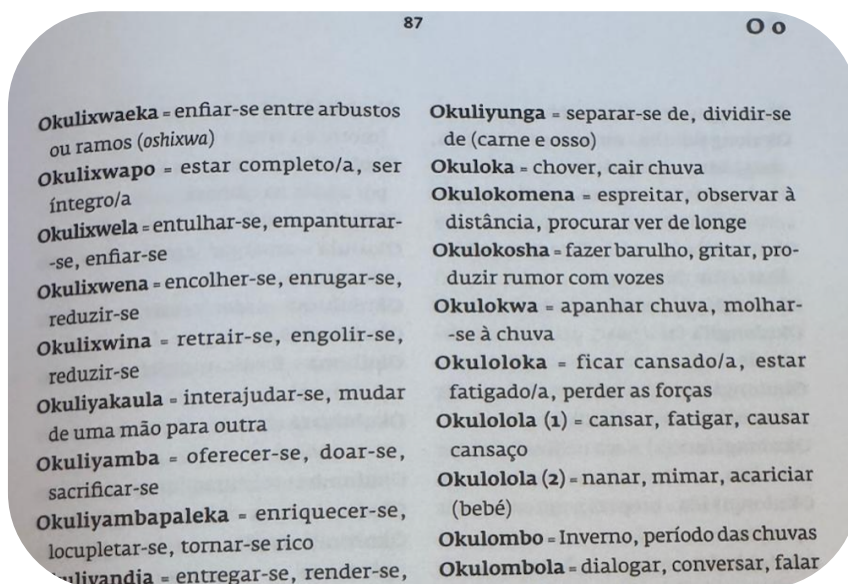
Proposta Nossa

avô materno ou paterno = Tatekulu wange
avó materna ou paterna = Mekulu wange

Tal como dissemos, acima, que os dicionários das línguas africanas tendem a apresentar informações básicas aos utilizadores, também constatamos que os dicionários do oshikwanyama em que recai o nosso estudo apresentam algumas lacunas relacionadas com a falta de informações. Por exemplo, os artigos lexicográficos presentes nas Figuras 7 e 8, retirados de páginas selecionadas de forma aleatória dos dicionários de Lidinikeni (2017) e de Leconte (1949), respetivamente, ilustram claramente a falta de informações úteis para os consulentes.

Figura 7

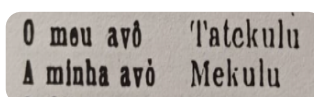
Entradas do Dicionário de Oshikwanyama-Português



Nota. Fonte: *Pequeno Dicionário Oshikwanyama Português* (Lindinikeni, 2017, p. 87).

Figura 8

Entradas do Dicionário Português-Oshikwanyama: Pequeno Método de Aprender Português para o Uso dos Povos do Cuanhama.



Nota. Fonte: *Dicionário Português-Oshikwanyama* (Leconte, 1949, p. 4).

Estes dicionários apresentam informações muito básicas para os consulentes. Nas entradas apresentadas, não se inclui:

- transcrição fonética para utilização secundária (professores);
- informação sobre flexão nominal e verbal;
- definições;
- informação sobre variação ortográfica, considerando que o oshikwanyama pode ter grafias diferentes em Angola e na Namíbia;

- relações entre as palavras, como por exemplo, relações derivacionais e/ou famílias de palavras (*sapato, sapateiro, sapataria* etc.);
- exemplos de uso;
- paráfrases ou imagens para os casos em que não há equivalente na língua de chegada; e
- sistematização das informações disponibilizadas.

Há, ainda, que notar que os dicionários bilingues que são usados pelos professores neste nível de escolaridade não foram desenvolvidos para o ensino primário. São instrumentos lexicográficos bilingues de língua geral que são usados como auxiliares pelos professores do ensino primário numa tentativa de transmitir conhecimentos e garantir a comunicação na sala de aula.

4.3. Estratégias de utilização do dicionário em sala de aula

De acordo Ferreira e Vieira (2013), as atividades produtivas de aprendizagem do léxico em sala de aula, que contribuem para a compreensão, para a produção textual e para o aperfeiçoamento de competências linguístico-discursivas, podem depender da aplicação de diversas estratégias de utilização de dicionários bilingues (Ferreira & Viera, 2013, p. 32).

O processo de ensino e aprendizagem requer a combinação de métodos e técnicas. Para tal, o professor deve aplicar em sala de aulas estratégias que lhe permitam alcançar os objetivos de ensino e do perfil de saída dos seus alunos.

Neste estudo, analisamos 10 vídeos de aulas gravadas em diferentes escolas do ensino primário angolano na província do Cunene, município de Namacunde. Por intermédio das aulas gravadas, verificámos que os professores do ensino primário de zonas recônditas, nas escolas de Onamaimbi, Oikundu, Eeyoka, Ounonge, Enyombwi, Ohaipeto, Omuti-wa-Nangala, Okayolwa, Ofenda e Okuandjaomudi da província angolana do Cunene, para amenizar as dificuldades de leitura, escrita e comunicação dos seus alunos, têm recorrido a diferentes estratégias de utilização de dicionários bilingues oshikwanyama-português/português-oshikwanyama, ainda que tais instrumentos lexicográficos não se encontrem contemplados no sistema de ensino angolano. A análise das aulas permitiu-nos observar que a utilização de tais dicionários se baseiam essencialmente em duas estratégias principais: i) mediação, com recurso a materiais lexicográficos, e ii) produção, pelo professor falante nativo de oshikwanyama, de conhecimento equivalente em oshikwanyama, com solução de lacunas lexicais e/ou conceptuais.

4.3.1. Mediação

Esta estratégia, que recorre a materiais lexicográficos, aplica-se tipicamente ao ensino da disciplina de língua portuguesa, que cobre léxico e conhecimento geral e não especializado.

Os professores falantes nativos do oshikwanyama servem como mediadores entre a língua de ensino (o português) e a língua nativa dos alunos, o oshikwanyama. Os exemplos (8) e (9), que se seguem, ilustram os recursos convocados neste caso:

Figura 9

Entradas do Dicionário de Lidinikeni (2017)

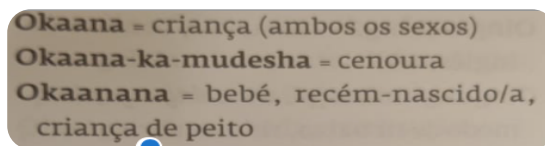
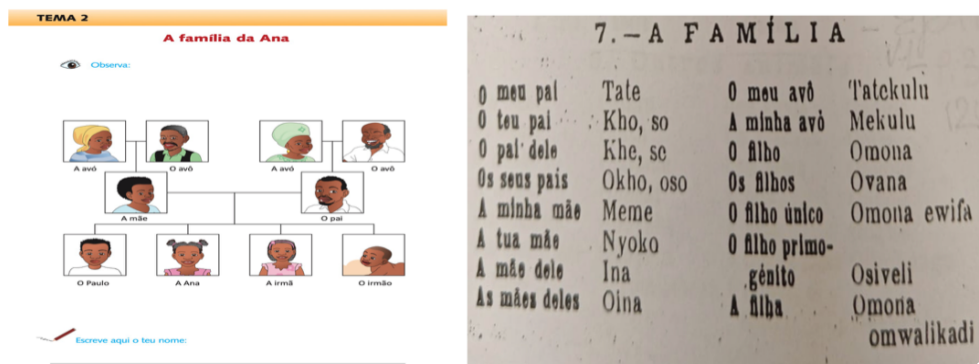


Figura 10

Manual de Ensino e Entradas Extraídos do Dicionário de Leconte (1949)



Nota. Fontes: Ministério da Educação de Angola (2021f, p. 16), Dicionário Português-Oshikwanyama (Leconte, 1949).

Considerando os recursos usados no ensino da disciplina de língua portuguesa, sobre o tema família, ilustrados em (8) e (9) acima, os professores falantes nativos são chamados a mediar as aprendizagens, quer do léxico dicionarizado, quer do léxico nos materiais de ensino que não se encontra nos dicionários existentes, recorrendo aos seus conhecimentos de português e à sua língua materna, partilhada com os alunos nas escolas rurais, para colmatar as lacunas. Sem esta mediação, e considerando que os conteúdos da disciplina de português e o ensino da língua portuguesa em Angola são lecionados como se tratasse de ensino de L1, é óbvio que os alunos têm dificuldades de comunicação e de aprendizagem dos conteúdos lecionados na língua portuguesa.

Noutra situação, estão os professores falantes não nativos ou não falantes de oshikwanyama que recorrem necessariamente aos manuais e aos recursos lexicográficos do português-oshikwanyama/oshikwanyama-português disponíveis – Leconte (1949) e Lidinikeni (2017) – para transmitir conhecimentos, manter a comunicação na sala de aulas, contando para isso também com o auxílio intuitivo dos seus alunos, que identificam os sons das palavras usadas como equivalentes da língua materna mal pronunciadas pelos seus professores durante o ensino.

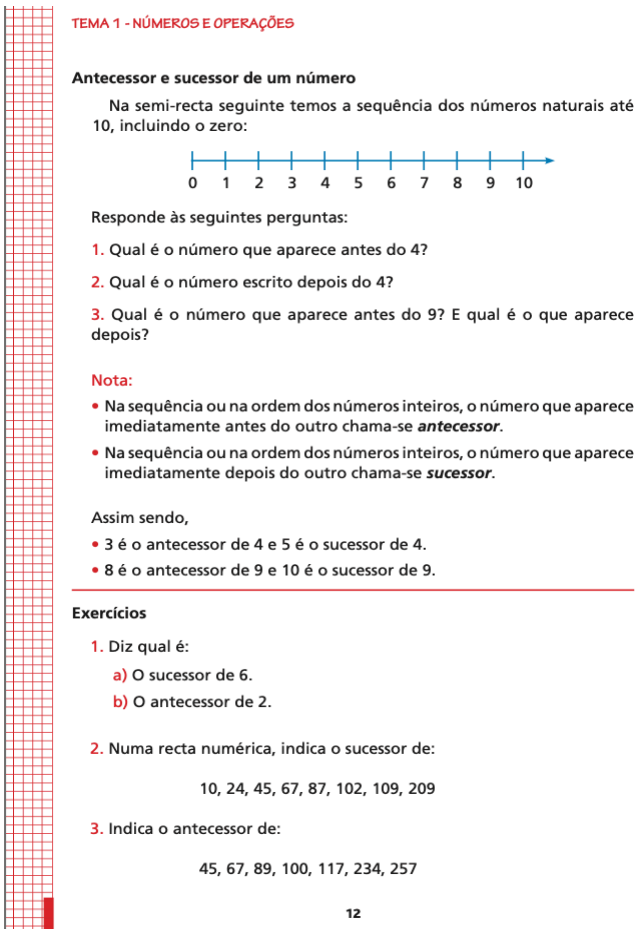
Apesar de os professores falantes não nativos e os não falantes de oshikwanyama conseguirem ensinar a língua portuguesa recorrendo aos dicionários bilingues existentes, os níveis de dificuldade de aprendizagem dos alunos aumentam com o aparecimento de novos termos técnicos, científicos e especializados de cada uma das disciplinas, na medida em que há ausência de determinadas palavras e dos seus equivalentes nos dicionários usados. Muitas vezes, para ultrapassar estas dificuldades, os professores falantes não nativos e os não falantes de oshikwanyama recorrem também ao uso de imagens que estão nos livros como equivalentes, estratégia eficaz para questões menos complexas, como as ilustradas na Figura 10.

4.3.2. Produção

A produção e os empréstimos lexicais são estratégias usadas pelos professores do ensino primário nas zonas recônditas e aplicam-se tipicamente no ensino de outras matérias ou disciplinas, focando-se na transmissão de conhecimentos com base nas produções dos professores, e não em recursos lexicográficos disponíveis. Os professores falantes nativos exploram os temas no quadro e, novamente, servem eles próprios como intermediários entre o português e o oshikwanyama. O exemplo do ensino de matemática (Figura 11), e as lacunas identificadas nos recursos em uso – dicionário onde as palavras em português que compõem o nome do tema, número e operação, deveriam surgir – (Figura 12) ilustram esta situação.

Figura 11


Tema "Números e operações" Matemática, 2.^a classe



TEMA 1 - NÚMEROS E OPERAÇÕES

Antecessor e sucessor de um número

Na semi-recta seguinte temos a sequência dos números naturais até 10, incluindo o zero:



Responde às seguintes perguntas:

1. Qual é o número que aparece antes do 4?
2. Qual é o número escrito depois do 4?
3. Qual é o número que aparece antes do 9? E qual é o que aparece depois?

Nota:

- Na sequência ou na ordem dos números inteiros, o número que aparece imediatamente antes do outro chama-se **antecessor**.
- Na sequência ou na ordem dos números inteiros, o número que aparece imediatamente depois do outro chama-se **sucessor**.

Assim sendo,

- 3 é o antecessor de 4 e 5 é o sucessor de 4.
- 8 é o antecessor de 9 e 10 é o sucessor de 9.

Exercícios

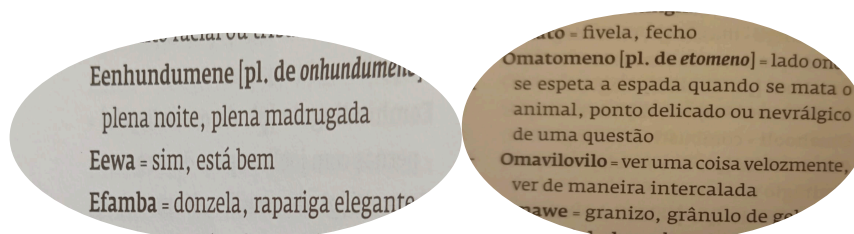
1. Diz qual é:
 - a) O sucessor de 6.
 - b) O antecessor de 2.
2. Numa recta numérica, indica o sucessor de:
10, 24, 45, 67, 87, 102, 109, 209
3. Indica o antecessor de:
45, 67, 89, 100, 117, 234, 257

12

Nota. Fonte: Manual de Matemática, 2.^a classe (Ministério da Educação de Angola, 2021i, p. 12).

Figura 12

Imagem de páginas do dicionário de Lidinikeni (2017)



Nota. Fonte: *Pequeno Dicionário Oshikwanyama Português* (Lidinikeni, 2017, pp. 26, 124).

Para o caso do exemplo da Figura 12, no qual as palavras usadas no manual do ensino primário não têm equivalentes nos dicionários disponíveis, os professores falantes nativos de oshikwanyama atuam como mediadores, usando os equivalentes quando os conceitos estão lexicalizados, ou produzindo paráfrases explicativas ou recorrendo a empréstimo de léxico do português, quando não há léxico disponível na língua portuguesa. O professor falante nativo de oshikwanyama não tem problema em descodificar o tema para os alunos, valendo-se do conhecimento da sua língua materna, o oshikwanyama, e usando os equivalentes das palavras números e operações em oshikwanyama, *Eenomola* = números e *ilo Mavalulo* = operações/contagem, respetivamente.

Para a mesma situação, verificou-se que os professores falantes não nativos tentaram transmitir os conhecimentos forçando a adoção de léxico do português, contando com o conhecimento que os alunos têm sobre a sua língua materna e com a sua intuição e capacidade de dedução e aquisição de uma língua segunda/estrangeira.

No entanto, por intermédio dos vídeos não é fácil avaliar de que forma é que os professores não falantes de oshikwanyama conseguem efetivamente transmitir conhecimentos a crianças falantes nativas de oshikwanyama, principalmente quando estas crianças não conseguem comunicar na língua de ensino, como por exemplo aquelas crianças que ingressam pela primeira vez no ensino primário nas escolas do meio rural da província do Cunene. Constatamos, ainda, que os professores não falantes de oshikwanyama das 3.^a, 4.^a e 5.^a classes, ao abordarem temas mais complexos nos diversos domínios deste subsistema de ensino, têm mais dificuldades de articular ou estabelecer a intermediação entre o português e a língua materna dos alunos, devido à complexidade conceptual dos domínios e palavras em causa, o que aumenta a sua dificuldade em encontrar equivalentes em oshikwanyama. Neste contexto, os alunos também não conseguem comunicar facilmente com os professores visto que os conceitos a que se referem as palavras podem não ser conhecidos dos alunos e não fazer parte do seu sistema ou universo de referência. São as palavras técnico-científicas de alguns domínios como matemática, ciências da natureza ou geografia que criam mais dificuldades. Como se ilustra na Figura 13 e Figura 14, verifica-se que as palavras encontradas no dicionário são diferentes das palavras quando em uso. Por esta razão, o professor falante não nativo ou não falante de oshikwanyama tem ainda mais dificuldades do que o professor falante nativo em recorrer aos dicionários para o ensino de outras matérias.

Figura 13

Atividade "Desenha com a linha", Educação Manual e Plástica, 2.^a classe.

Desenha com a linha

Vê nas figuras seguintes as diferentes maneiras que existem para desenhar por meio das linhas.

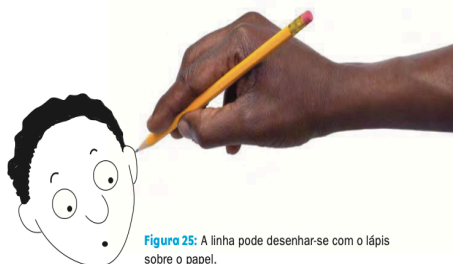
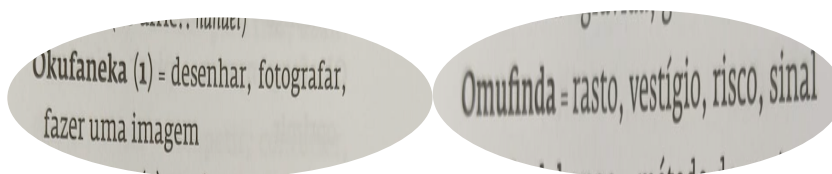


Figura 25: A linha pode desenhar-se com o lápis sobre o papel.

Nota. Fonte: Manual de Educação Manual e Plástica, 2.^a classe (Ministério da Educação de Angola, 2021b, p. 14).

Figura 14

Entradas do dicionário de Lidinikeni (2017)



Nota. Fonte: *Pequeno Dicionário Oshikwanyama Português* (Lidinikeni, 2017, pp. 63–130).

O professor, depois de localizar os equivalentes na língua oshikwanyama no dicionário, conforme ilustrado no exemplo da Figura 14 – onde constam as entradas para as palavras em português que compõem o tema –, terá de perceber que as palavras dicionarizadas podem não corresponder às palavras em uso. De modo a transmitir o conhecimento de forma clara e sistemática, ele terá de reconstruir em oshikwanyama as frases sintaticamente corretas e compreensíveis para os alunos, combinando preposições e suprimindo prefixos de classe nominal ou verbal do oshikwanyama. No exemplo analisado acima, é evidente que a tradução literal poderia levar a interpretações equivocadas, como por exemplo: *fotografa o sinal*, que veicula o significado errado e leva ao desvio do conhecimento que se pretendia transmitir.

Além disso, o professor precisa de ter a competência para produzir as expressões adequadas para que o significado seja corretamente transmitido. Para o exemplo apresentado na Figura 13, os equivalentes adequados seriam *okufaneka* e *omufinda* e a expressão gramatical resultante *faneka nomufinda* (\cong desenhar com a linha).

Este exemplo ilustra ainda as lacunas de informação no dicionário quanto aos elementos flexionais ou preposicionais que se aglutinam sob a forma de prefixos:

- i. Para se obter o equivalente de *desenha* em oshikwanyama há supressão do prefixo **oku-** do verbo *okufaneka* que se encontra dicionarizado para obter *faneka* (desenha), e
- ii. há acréscimo de prefixos, como neste caso em que há acréscimo do prefixo **n-** (= *com/a*) ao substantivo *omufinda* (=linha) para formar "com a linha".

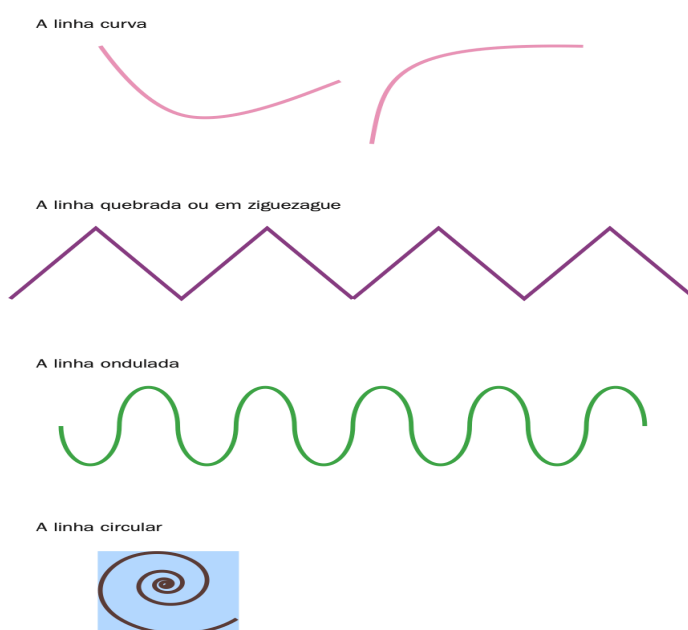
Como nem sempre há equivalência total, os professores de ensino primário recorrem a paráfrases, que reforçam com o auxílio de imagens. O exemplo (3) e a Figura 15 ilustram esta combinação de estratégia de ensino dos professores.

(3) Mediação do professor, com recurso a paráfrase:

faneka nomufinda + *Ngashi tashulikwa memafano talandulako*
Desenha com as linhas + *conforme está nas figuras que se seguem*

Figura 15

Atividade "Desenha com a linha" (≠ okufabeka omufinda)



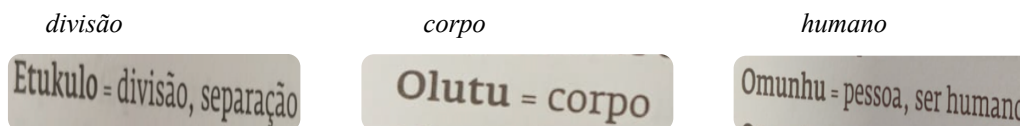
Figuras 30, 31, 32 e 33: Diferentes tipos de linhas

Nota. Fonte: Manual de Educação Manual e Plástica, 2.^a classe (Ministério da Educação de Angola, 2021b, p. 17).

Constatou-se também que os professores não falantes de oshikwnayama têm dificuldades em transmitir conhecimentos aos alunos durante a realização de atividades básicas em todas as disciplinas, como por exemplo na disciplina de Estudo do Meio. O exemplo da Figura 16 procura ilustrar a situação.

Figura 16

Tema "A Divisão do Corpo Humano", Estudo do Meio, 3.ª Classe



Nota. Fonte: Dicionário de Lidinikeni (2017, pp. 41–141).

O caso da Figura 15 ilustra como nem todas as formas usadas no ensino primário em Angola podem ser encontradas nos dicionários existentes de português-oshikwanyama/oshikwanyama-português, ou como há casos em que as palavras estão nos dicionários, mas estão dicionarizadas de forma diferente das formas em uso. Esta diferença entre as palavras dicionarizadas e as palavras em uso constitui um grande problema para os professores não falantes de oshikwanyama, porque tais palavras precisam de partículas de ligação, tipicamente sob a forma de prefixos, característicos do oshikwanyama e das demais línguas bantu, que operam como artigos ou como preposições.

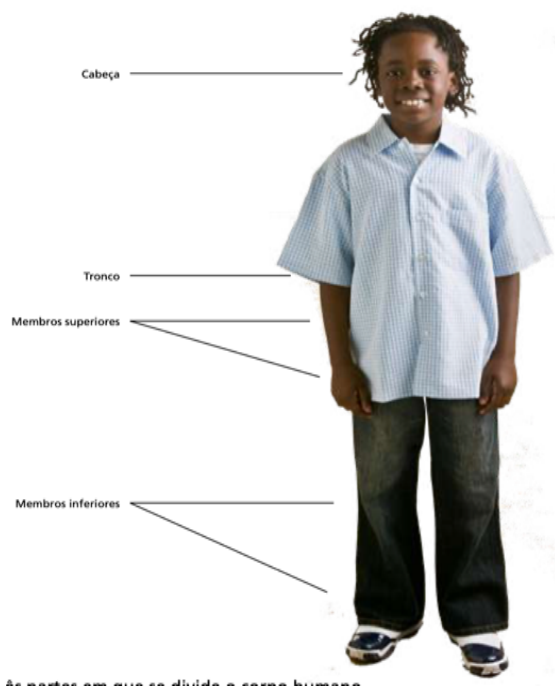
Se o professor tivesse de fazer uma tradução literal, é evidente que poderia chegar a uma forma errada. Para chegar a uma forma gramatical, o professor precisa de adequar os elementos linguísticos do oshikwanyama. O exemplo (4) ilustra outro destes casos, com os elementos não indicados no dicionário a negrito:

- (5) Tradução para oshikwanyama do tema A Divisão do Corpo Humano, Estudo do Meio, 3.ª classe:
- | | | |
|-------------------------------|---------------------------|---------------|
| divisão | corpo | humano |
| <i>etukulo</i> | <i>olutu</i> | <i>omunhu</i> |
| <i>etukulo lolutu lomunhu</i> | ≅ divisão do corpo humano | |

O professor recorre ainda ao auxílio de imagens, como as ilustradas na Figura 6, abaixo, que os alunos ajudam a descodificar recorrendo ao seu conhecimento implícito da língua.

Figura 17

Imagem do Manual de Estudo do Meio, 3.ª Classe



Nota. Fonte: Manual de Estudo do Meio, 3.ª classe (Ministério da Educação de Angola, 2021e, p. 7).

Os casos aqui ilustrados demonstram de forma simples como quanto mais técnico-científicas são as palavras, menor é a probabilidade de serem encontradas nos dicionários existentes - de caráter geral e com grandes fragilidades. O exemplo da Figura 11 demonstra ainda que as palavras técnico-científicas e não dicionarizadas oferecem maior grau de complexidade, em particular para os professores do ensino primário não falantes de oshikwanyama. Para contribuir para a solução deste problema, estamos a projetar um instrumento lexicográfico bilingue pedagógico para o ensino básico de Angola, com base no léxico do português usado no ensino primário angolano.

5. Considerações finais

Este trabalho apresenta uma caracterização do panorama atual dos recursos lexicográficos bilingues oshikwanyama-português/português-oshikwanyama, analisados na perspectiva da sua utilização em sala de aula no contexto do ensino multilingue nas províncias rurais do Cunene, bem como a identificação de estratégias de resolução de problemas de comunicação com recurso à utilização de dicionários bilingues em sala de aula, incluindo algumas limitações e desafios. Pretende-se que esta análise possa contribuir com informações úteis para o desenho de um novo recurso lexicográfico que responda às necessidades específicas deste(s) público(s)-alvo, com vista à contribuição para a melhoria da qualidade do ensino primário em Angola que, a par dos desafios que se colocam ao ensino em ambientes multilingues, segue ainda uma metodologia de ensino baseada

na tradução de e para a língua portuguesa, sem uma verdadeira integração de ensino bilingue com materiais pedagógico-científicos nas várias línguas ou com a distinção entre ensino de português L1 e L2.

Na província do Cunene, os professores do ensino primário utilizam ainda o *Dicionário Oshikwanyama-Português* do Padre Ernesto Leconte, de 1949, e o *Pequeno Dicionário Oshikwanyama-Português*, da autoria do Padre Virgínio Lidinikeni, de 2017. Estes dicionários, embora pouco atualizados e muito incompletos, têm-se, ainda assim, demonstrado úteis na transmissão de conhecimentos e na promoção da comunicação em sala de aula. No entanto, são dicionários muito pouco atentos às necessidades específicas do contexto educacional em que são usados, quer em termos de cobertura, quer em termos da informação dada.

O estudo desses dicionários e das estratégias usadas pelos professores revela a relevância e a importância de investir em novos recursos lexicográficos com objetivos pedagógicos com vista à melhoria da qualidade educacional, facilitando a aprendizagem da língua portuguesa e de outras matérias lecionadas em português, e contribuindo para o sucesso escolar dos alunos. A opção pelo investimento num instrumento lexicográfico deste tipo, ao invés de glossários específicos para o ensino básico, justifica-se pelo facto de não haver ainda um dicionário mais completo que promova um verdadeiro multilinguismo no ensino em Angola e que possa, também, funcionar como instrumento de normalização, ajudando a lidar com os desafios do multilinguismo nas políticas linguísticas nesta região de Angola. Um dicionário mais abrangente e consistente, que cubra os conceitos em uso no ensino, mas que contemple também a diversidade de significados associados a cada forma e que sistematize informação gramatical que ajude a compreender as diferentes estratégias das duas línguas, potenciará uma utilização mais abrangente que pode contemplar a comunidade educativa – professores e alunos –, mas também encarregados de educação, famílias e restante comunidade.

O investimento em recursos pedagógicos que respeitam a diversidade linguística existente e a natureza multilingue do contexto angolano promove uma educação mais inclusiva e eficaz. Enquanto não há reforço de recursos linguísticos e terminológicos das várias línguas angolanas, com vista a um equilíbrio entre elas, este investimento deveria ainda ser acompanhado da criação de um instrumento jurídico-legal que estabelecesse requisitos linguísticos para a comunidade escolar, obrigando o professor de escolas rurais a ser proficiente na língua da sua comunidade escolar, de modo a permitir que este haja como mediador entre a língua de ensino e a língua da comunidade escolar.

Agradecimentos / Financiamento

Agradecemos muito e sinceramente a disponibilidade e os comentários e sugestões dos revisores deste artigo.

Financiamento

Parte deste trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/03213 – Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).

Referências

- Andrade, E. D. (2007). *Línguas africanas. Breve introdução à fonologia e à morfologia*. Santos-FLUL/CLUL.
- Bergenholtz, H., & Gouws, R. H. (2012). What is lexicography. *Lexikos*, 22(1), 31–42. <https://doi.org/10.5788/22-1-996>
- Carvalho, O. L. (2001). *Lexicografia bilíngue português/alemão: Teoria e aplicação à categoria das preposições*. Thesaurus.
- Correia, M. (2009). *Os dicionários portugueses*. Caminho.
- Dubois, J., & Dubois, C. (1971). *Introduction à la lexicographie le dictionnaire*. Librairie Larousse.

- Eberhard, D. M., Simons, G. F., & Fennig, C. D. (Eds.). (2024). Oshiwambo language (KUA). In *Ethnologue: Languages of the world* (27th ed.) [versão online]. SIL International. <https://www.ethnologue.com/language/kua/>
- Fernandes, J., & Ntongo, Z. (2002). *Angola: Povos e línguas*. Nzila.
- Ferreira, H. M., & Vieira, M. S. (2013). O trabalho com o léxico em sala de aula: Desafios para o ensino de língua materna. *Revista Letras Raras*, 2(2), 19–33.
- Grandi, L. D., & Nadin, O. L. (2020). O dicionário em sala de aula: Orientações para a formação lexicográfica de professores de línguas à luz da lexicografia pedagógica. *Forum Linguístico*, 17(3), 5054–5072. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2020.71084>
- Guebe, A. (2008). *Resistência à ocupação colonial do Sul de Angola - Região dos Va-Nyaneka-va-Nkumbi e dos Va-Ambo (1850-1917)*. Arte Viva.
- Guthrie, M. (1967). *The classification of the Bantu languages*. International African Institute.
- Haiping, T. E. (2017). *Antroponímia na língua Oshikwanyama* [Dissertação de mestrado, FCSH-Nova de Lisboa]. RUN – Repositório da Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/22256>
- Halme, R. (2004). *A tonal grammar of Kwanyama*. Rüdiger Köppe Verlag.
- Halme, R. (2006). *Encontro sobre a questão do alfabeto e ortografia de oshikwanyama*. Ondjiva.
- Hartmann, R. R., & James, G. (1998). *Dictionary of lexicography*. Routledge.
- Holselaar, W. (2003). Examples of design and production criterion for major dictionaries. In O. P. Sterkenburg, *A practical guide to lexicography* (pp. 323–332). John Benjamins Company.
- Instituto Nacional de Estatística. (Ed.). (2016). Resultados definitivos do recenseamento geral da população e da habitação de Angola 2014. INE.
- Kirkness, A. (2004). Lexicography. In A. Davies & C. Elder (Eds.), *The handbook of applied linguistics* (pp. 54–81). Blackwell. <https://doi.org/10.1002/9780470757000.ch2>
- Krienger, M. (2011). Programas de educação no Brasil e dicionários para a escola fundamental. In O. S. Cardoso, S. Mejri, & J. A. Mota (Eds.), *Os dicionários: Fontes, métodos e novas tecnologias* (pp. 145–187). Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.
- Lara, L. F. (2004). O dicionário e suas disciplinas. In O. A. Isquierdo & M. D. Krienger (Eds.), *As ciências do léxico: Lxicologia, lexicografia e terminologia* (pp. 133–184). UFMS.
- Leconte, P. E. (1949). *Pequeno método de aprender português para o uso dos povos do Cuanhama (Sul de Angola)*. Missão da Huíla.
- Lidinikeni, V. (2017). *Onyika Yetu yOshikwanyama nOshiputu "Pequeno dicionário Oshikwanyama Português"*. Papelmunde.
- Ministério da Educação de Angola. (s.d.). *Manuais escolares*. Xilonga. <https://xilonga.med.gov.ao/manuais-escolares>
- Ministério da Educação de Angola. (2021a). *Educação manual e plástica, 1.ª classe* [Manual escolar]. Popular.
- Ministério da Educação de Angola. (2021b). *Educação manual e plástica, 2.ª classe* [Manual escolar]. Popular.
- Ministério da Educação de Angola. (2021c). *Educação musical, 1.ª & 2.ª classes* [Manual escolar]. Moderna.
- Ministério da Educação de Angola. (2021d). *Estudo do meio, 2.ª classe* [Manual escolar]. Editora das Letras.
- Ministério da Educação de Angola. (2021e). *Estudo do meio, 3.ª classe* [Manual escolar]. Progresso.
- Ministério da Educação de Angola. (2021f). *Língua portuguesa, 1.ª classe* [Manual escolar]. Popular.
- Ministério da Educação de Angola. (2021g). *Língua portuguesa, 2.ª classe* [Manual escolar]. Popular.
- Ministério da Educação de Angola. (2021h). *Matemática, 1.ª classe* [Manual escolar]. Moderna.
- Ministério da Educação de Angola. (2021i). *Matemática, 2.ª classe* [Manual escolar]. Mayama Editora.
- Ndombele, E. D. (2017). Reflexão sobre as línguas nacionais no sistema de educação em Angola. *RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 31, 71–89. <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2017.31/pp.71-89>

- Ndombele, E. D., & Timbane, A. A. (2020). O ensino de língua portuguesa em Angola: Reflexões metodológicas em contexto multilíngue. *Fólio - Revista de Letras*, 12(1), 289–314. <https://doi.org/10.22481/folio.v12i1.6604>
- Ngunga, A., & Simbine, M. C. (2012). *Gramática descritiva da língua Changana*. As Nossa Línguas e Centro de Estudos Africanos (CEA) - UEM.
- Petter, M. (Org.). (2015). *Introdução à linguística africana*. Contexto, pp. 49–85.
- Prinsloo, D. (2015). Analyzing words as a social enterprise: Lexicography in Africa with specific reference to South Africa. In J. Miller (Ed.), *Analysing words as a social enterprise: Celebrating 40 years of the 1975 Helsinki Declaration on lexicography. Collected Papers from Australex 2015* (pp. 42–59). Australex.
- Prinsloo, D. J. (2017). Africa's response to the corpus revolution. In H. Xu (Ed.), *Proceedings of the 11th International Conference of the Asian Association for Lexicography, Asialex 2017, 10–12 June, Guangzhou, China* (pp. 20–31). AsiaLex
- Prinsloo, D., & Zondi, N. (2020). Lexicographic treatment of zero equivalence in isiZulu dictionaries. *Lexikos* 30, 346–362. <https://doi.org/10.5788/30-1-1605>
- Scantamburlo, L. (2002). *Dicionário do guineense-português: Disionariu guinensi-purtuguis*. V. II, FASPEBI.
- Severo, C. G., Sassuco, D. P., & Bernardo, E. P. (2019). Português e línguas Bantu na educação angolana: Da diversidade como "problema". *Línguas Instrumentos Linguísticos*, 43, 290–307. <https://doi.org/10.20396/lil.v0i43.8658374>
- Shikesho, E. (2020). Towards a common Oshikwanyama official orthography for Namibia and Angola: The way forward on the conjunctive and disjunctive writing systems of Oshikwanyama. *JULACE: Journal of University of Namibia Language Centre*, 5, 1–11.
- Tobias, G. W., & Turvey, B. H. (1965). *English - Kwanyama dictionary*. Witwatersrand University Press.
- Tonjes, H. (1910). *Worterbuch Der Ovambo - Sprache*. Druck UND Verlag Von Georg Reimer.
- Verdelho, T., & Silvestre, J. P. (2011). *Lexicografia bilingue: A tradição dicionarística português-línguas modernas*. Centro de Línguas da Universidade de Lisboa/Universidade de Aveiro.
- Vilela, M. (1979). *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Livraria Civilização Editora.
- Wheeler, D., & Pelissier, R. (2013). *História de Angola*. Tinta-da-China.
- Zimmermann, O. W., Taapopi, G. B., & Hasheela, P. (2019). *Oshikwanyama-English, English-Oshikwanyama dictionary*. Macmillan Education Namibia.